



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO CEDUC
CURSO DE FILOSOFIA**

MARIA APARECIDA SILVA BEZERRA

O IMPENSADO EM HEGEL: HEIDEGGER, HEGEL E OS GREGOS.

**CAMPINA GRANDE
2017**

MARIA APARECIDA SILVA BEZERRA

O IMPENSADO EM HEGEL: HEIDEGGER, HEGEL E OS GREGOS.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Programa de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho.

**CAMPINA GRANDE
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B574i Bezerra, Maria Aparecida Silva.

O impensado em Hegel [manuscrito] : Heidegger,
Hegel e os gregos / Maria Aparecida Silva Bezerra. - 2017.

22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho,
Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."

1. Alétheia. 2. Heidegger. 3. Filosofia grega. 4.
História da filosofia.

21. ed. CDD 193

MARIA APARECIDA SILVA BEZERRA

O IMPENSADO EM HEGEL: HEIDEGGER, HEGEL E OS GREGOS

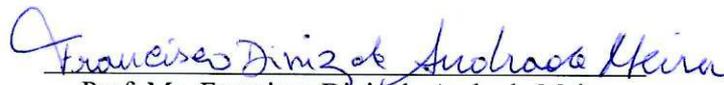
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Filosofia na Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Aprovada em: 24/12/2017

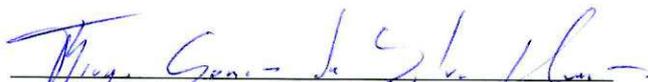
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Francisco Diniz de Andrade Meira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Thiago Gomes da Silva Nunes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha família, pelo constante apoio e refúgio.
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A minha família, apoio singelo e fundamental na caminhada contínua da vida.

Aos que estiveram presente, no percurso até aqui, colaborando positivamente com a finalização desta etapa.

Aos meus professores que traspassaram o véu do conhecimento e da sabedoria e proporcionaram a mim uma vista de tal experimentação.

Aos meus colegas de curso, pelos dias e cafés compartilhados.

A minha vó Helena (*in memoriam*), pela sabedoria do riso e da espera.

A minha amiga Fernanda (*in memoriam*) pelo mistério da vida e do silêncio.

A Cecília, Hakyanna, Juliana e Carlos, pelos dias que compartilhamos em um apartamento pequeno, pequeno, mas que coube todos nossos sonhos.

“Outros povos têm santos, os Gregos têm sábios.”

(Friedrich Nietzsche)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	O IMPENSADO EM HEGEL: HEIDEGGER, HEGEL E OS GREGOS.	08
3	CONCLUSÃO	20
	REFERÊNCIAS	22

O IMPENSADO EM HEGEL: HEIDEGGER, HEGEL E OS GREGOS.

Maria Aparecida Silva Bezerra*

RESUMO

O presente artigo busca apresentar uma leitura da interpretação de Heidegger a partir do modo com o qual Hegel interpreta a filosofia grega, bem como suas observações a respeito do que faltou a este último filósofo interpretar. A presente abordagem se norteia a partir da Conferência de 26 de julho de 1958, intitulada “Hegel e os Gregos”. Para Heidegger é com os gregos que a filosofia se inicia, ganha sentido originário, o filósofo observa também tal reconhecimento deste início em Hegel, através do olhar deste para com os antigos. Porém, coube a Heidegger pensar o impensado em Hegel, o que ele deixou ainda vago, nas entrelinhas de sua interpretação da filosofia grega. É a partir da volta a tradição que Heidegger vê a filosofia consumada em Hegel, por estar inserida em uma época, que já se nota uma decomposição de seus sentidos originários. Tal tradição serviria, portanto, de auxílio na questão esperada; a do pensamento. Heidegger atenta para a questão do pensamento mediante análise do que foi em Hegel esquecido, na linha da filosofia grega. É mediante tal afirmação, no que diz respeito ao esquecido e ao impensado da *Alétheia*, que a filosofia ainda se mantém no “ainda não”, pois o que antecipa a história da filosofia – a *Alétheia* – se mantém ainda impensada, e sendo por vezes confundida com verdade enquanto certeza. Heidegger aponta na presente conferência a importância de se voltar ao impensado, pois é este impensado que se configura aí como a questão fundamental; a do pensamento.

Palavras-Chave: Alétheia. Desvelamento. verdade. Heidegger.

1 INTRODUÇÃO

Na conferência de 26 de julho de 1958, intitulada “Hegel e os gregos” Heidegger analisa o modo com o qual Hegel apresenta a filosofia grega, destacando a historiografia, o que leva Heidegger a uma interpretação da filosofia de Hegel. Heidegger destaca a filosofia de Hegel como ele, o próprio Hegel, a concebe; através do signo do acabamento.

Heidegger inicia a conferência, através de sua indagação “Como apresenta Hegel, no horizonte de sua filosofia, a filosofia dos gregos?” (HEIDEGGER, pág. 205). Tal indagação é já uma indicação do horizonte na qual irá direcionar a preleção em questão. A pergunta que Heidegger lança diz respeito também a uma forma de ver, na história da filosofia, um provável início, no que diz respeito a um cerne originário e fundamental, através da concepção de Hegel. Tal início originário se deve aqui aos gregos.

* Aluno de Graduação em Filosofia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: mariabezerra06@gmail.com

De início, já se encontra aí uma certa afinidade aparente entre o tema de discussão desta conferência em questão, como também com a reparação do tema em outras obras do filósofo, como é o caso de *Ser e Tempo* (1927), pois já se mostra aí uma preocupação, mesmo que indiretamente, com esta volta ao início da filosofia, nos seus primeiros passos; os gregos.

Para Heidegger é com os gregos que a filosofia se inicia, ganha sentido originário, dispõe de nome, autores e fundamentação. Heidegger também observa tal reconhecimento deste início originário em Hegel, através deste olhar para com os antigos. Porém, coube a Heidegger pensar o impensado em Hegel, o que ele deixou ainda vago, nas entrelinhas de sua interpretação dos gregos, ou melhor, de suas palavras. É em Hegel também que a filosofia se consuma. O próprio Hegel vê em sua filosofia o “signo do acabamento”. Ora em que consiste tal signo? Falar em acabamento aqui é falar sobre decomposição.

A filosofia se consuma em Hegel por já estar inserida aí, em tal época, que já se nota uma decomposição de seus sentidos originários. Tais sentidos dizem respeito a fundamentação que é já própria da filosofia, e na qual agora passa a se esvaecer, pois é diluída nos âmbitos da logística, psicologia e sociologia. Tal diluição da filosofia nessas áreas se deve ao fato das mesmas estarem já incluídas, regidas, pelo modo pelo qual o mundo passa a ser regido; por uma entificação do ser, pelos números, pela técnica. O presente artigo visa percorrer por tal análise de Heidegger a leitura hegeliana dos gregos, bem como apresentar baseado na discussão da conferência em questão o modo com a qual tal leitura possibilitou a introdução do impensado e sua importância para a história da filosofia.

2 DESENVOLVIMENTO

Que os homens nesta época passam a ser objetos da técnica, isto é fato. Sua vida, os sentidos a ela atribuída, tudo parece circular ao redor deste novo regimento possível. Sendo assim, a própria filosofia se vê incluída neste regimento. Porém, Heidegger ressalta que tal diluição da filosofia não é o fim do pensamento, sua diluição não é um fim definitivo. A diluição da filosofia em tais âmbitos já citados possibilita a Heidegger, uma direção rumo a uma outra saída que deve agora ser almejada.

Martin Heidegger (1889-1976) nasceu em Messkirch, Alemanha. Famoso por seus temas e suas críticas, o filósofo possui uma vasta obra que percorre desde a poesia á técnica e outros temas mais. Uma de suas obras consagradas é *Ser em Tempo*, obra prima inacabada de 1927 e a qual rendeu grande relevância ao professor de Marburgo (1923). Heidegger

percorreu por toda a história da filosofia, desde o início, com os gregos até tempos posteriores, quando a técnica se configura como regimento em certo período da história.

No decorrer da conferência em questão, *Hegel e os Gregos*, Heidegger perpassa por Hegel e os Gregos, a fim de experimentar nesta tradição uma possibilidade maior do que um mero passado, mas que se apresente como possibilidade de um encontro em um porto, a fim de ocasionar tal encontro que já estava às esperas. A tradição serviria, portanto, de auxílio na questão aqui esperada; a do pensamento.

Porém, vale ressaltar tal objeção de Heidegger ao se dedicar ao estudo; Hegel e os Gregos. Do mesmo modo que o tema não é escolhido ao acaso, as formas e os objetivos de tal empreitada também não são. Nas palavras de Frederico Pieper:

Em primeiro lugar, a interpretação de Heidegger se caracteriza por certa violência. Em que termos ela se manifesta? William Richardson caracteriza a leitura heideggeriana da história da filosofia ocidental como tentativa “de compreender e expressar não o que outro pensador pensou/disse, mas o que ele não pensou/disse, não pôde pensar/dizer, e por que ele não pôde dizer/pensar” (2003: 22). Esta opção metodológica de Heidegger indica sua procura por aquilo que ficou impensado (PIEPER, Pág. 05)

E é através deste impensado que Heidegger orienta aqui, na presente conferência, a atenção ao que se perdeu no decorrer da tradição. Não se reduz, portanto em uma retomada por afinidades, apesar de tal tema ser interessante para Heidegger, visto a recorrência em suas outras obras.

Falar de Hegel e os gregos, para Heidegger, não é uma seleção simples e qualquer, da qual se fala sobre um outro filósofo. Heidegger usa Hegel na preleção porque vê no mesmo uma nova perspectiva, um novo horizonte que não fora até então conquistado, na história da filosofia. Tal peculiaridade encontrada em Hegel, e da qual Heidegger a retoma, diz respeito ao olhar atento para com os gregos que teve Hegel, pois Segundo Heidegger: “[...] Hegel pela primeira vez pensa a filosofia dos gregos como um todo e este sob o ponto de vista filosófico” (HEIDEGGER, pág. 205)

O olhar para com os gregos interessou aqui a ambos, como já dito anteriormente, Heidegger e Hegel se encontram, em tal momento da história da filosofia, por ver nos gregos o cerne de uma história da filosofia e do pensamento. Hegel inaugura na história da filosofia uma atenção voltada para com os que, segundo o mesmo, foram os pioneiros no âmbito da filosofia. Pensar também a filosofia dos gregos como um todo não foi unicamente o ímpeto hegeliano, pois muito além de pensá-la, Hegel a pensa no seio da sua filosofia, dentro do próprio pensar filosófico.

Ainda sobre a história da filosofia, destaca Heideggerl:

“A história da filosofia é para Hegel o em si unitário, e por isso necessário processo de avanço do espírito em direção de si mesmo. A história da filosofia não é uma pura sucessão das mais diversas opiniões e doutrinas, que se alternam sem conexão alguma” (HEIDEGGER, pág. 206).

Aqui também houve merecida atenção de Heidegger, pois o modo como Hegel inaugura o modo de conceber o início da filosofia, em seu rasgo essencial, também inaugura a respeito do desenvolvimento desta. Ora, desenvolvimento aqui, segundo a citação, não diz respeito a uma ordem puramente normativa, das quais os fatos se sucedem, e assim estaria no desenvolver da história. Em Hegel, a história da filosofia é a história que pede um encontro (e encontro este com o pensamento, ressalta Heidegger). A história da filosofia é transferida para dentro do sistema hegeliano, na medida em que Hegel a emprega como “saber absoluto”, pois o movimento da filosofia é para Hegel a própria filosofia, em sua totalidade.

Sendo assim, Hegel ainda determina uma meta para a filosofia, ressalta Heidegger:

A filosofia é, enquanto sua história, como Hegel diz numa nota á margem do manuscrito desta preleção, o “*reino da pura verdade*- não os atos da *realidade exterior*, mas o íntimo permanecer junto-de-si-mesmo do espírito”. “A verdade- isto quer dizer aqui: o verdadeiro na sua pura realização, que simultaneamente expõe a verdade do verdadeiro, sua essência” (HEIDEGGER, pág. 206).

Sendo a verdade a meta da filosofia, Hegel a considera como “sua essência”, pois ela seria o que há de mais fundamental em tal desenvolvimento da filosofia e para qual a mesma deveria se direcionar. A verdade aqui possibilitaria tal interioridade ao mesmo tempo em que permanece junto do espírito. É no âmbito da verdade que a filosofia adquiriria assim seu sentido, já que sendo a verdade sua essência, a filosofia seria assim o meio de realização de sua meta, estabelecida por Hegel.

Tal tema, a verdade, será de grande valia para a presente apresentação. Não o tema em si, mas sim o modo como Heidegger observa a utilização deste por Hegel.

É através da meta que Hegel estipula para a filosofia, “a verdade”, que Heidegger procura então, na história da filosofia, tais momentos na qual a verdade foi habitat para o pensamento filosófico, segundo Hegel. Um desses momentos, segundo o filósofo de Ser e Tempo, foi na filosofia de Descartes, em especial, o “*ergo cogito sum*”. Tal momento na história da filosofia foi o que possibilitou uma filosofia independente, aos olhos de Hegel.

Tal aspecto de independência da filosofia se deve a esse rasgo inicial entre sujeito e objeto, a partir do momento em que Hegel vê no *cogito* o emergir de um sujeito que agora se auto afirma e que inaugura com uma subjetividade até então não posta. Por isso, Heidegger

aponta que em Hegel “o verdadeiro ser é o pensamento que se pensa a si mesmo absolutamente” (HEIDEGGER, pág. 206). Ou seja, este novo ser aí posto, que desfruta de tal subjetividade, ao mesmo tempo em que se auto refere, realiza um movimento sobre ele mesmo, pois pensa e pensa sobre si, em caráter absoluto.

Tal movimento de subjetividade, na qual ao representar os objetos, o sujeito é também representado, na medida em que o eu recolhe em si a multiplicidade e se produz, aponta Heidegger:

A subjetividade é como *ego cogito*, a consciência que algo representa, retro-refere o representado a si mesmo e assim o recolhe junto a si. Recolher significa, em grego, *légein*. Recolher o múltiplo para o eu levando-o para dentro dele significa, expresso na voz média, *légesthai*. O eu pensante recolhe o representado, enquanto por ele passa, e o perpassa, na sua representabilidade. “Através de algo” quer dizer em grego: *diá*. *Dialégesthai*, dialética, significa aqui que o sujeito num tal processo e enquanto o é faz surgir sua subjetividade, a produz. (HEIDEGGER, pág. 206-207)

Este processo de representação se dá no momento em que esta consciência pensante, juntamente com o eu (que em Hegel é o mesmo; ser = pensar) estabelece com o exterior relações de representar e representado, ao passo em que o sujeito que pensa está ao mesmo tempo abrindo certa relação com esta representação, sendo também representado por ela. A partir de tais momentos de representações, o sujeito não só produz como também produz a si mesmo, em uma relação dialética, de retorno sobre o próprio pensar.

Porém, segundo Heidegger, mediante Hegel, só há diferença notável entre sujeito e objeto quando se coloca estes em oposição, e sendo assim, objeto se relaciona com o sujeito por via de uma mediação. Todavia, só há movimento de uma subjetividade, quando o objeto em tese e o sujeito em antítese se alinham em uma síntese, na qual sujeito-objeto perpetuam-se em um movimento.

É este movimento de tese e antítese, na qual se possibilita já aí uma síntese, na qual recolhe em si o múltiplo, abarca em si “[...] a totalidade da subjetividade em sua unidade desdobrada” (HEIDEGGER, pág. 207). Sendo assim, Heidegger observa que “De tal modo a dialética é especulativa” (HEIDEGGER, pág. 2017) na medida em que sua especulação reside no capô de uma busca, procura, dentro deste campo de oposições, na tentativa de um encontro da unidade, e acima de tudo, da compreensão de tais oposições.

Heidegger percebe aí, mediante apresentação dessa dialética, que Hegel ao concebê-la, a denomina de “método”. Para Hegel, o método seria a “alma do ser”, na qual, através de sua

constante produção, estaria estritamente representando a subjetividade em modo efetivo. Em tal momento de análise, da adoção de um “método”, por Hegel, Heidegger se pronuncia:

O método”: “a alma do ser” – isto soa à fantasia. Pensamos que nossa época já abandonou tais aberrações da especulação. Vivemos, no entanto, no coração desta suposta fantasia. (HEIDEGGER, pág.207).

Heidegger, ao analisar tal denominação da dialética, encontra aí uma continuação dos mesmos pressupostos de uma fantasia, seja ela do âmbito da metafísica tradicional, na qual o ser é diluído, seja também nesta nova fórmula, método, que se inaugura com Descartes para posteriormente se consumir em Hegel, na medida em que este atribui a este sujeito uma ampliação da qual até então o próprio Descartes não haveria atribuído. Tais atribuições dizem respeito principalmente pelo caráter de absoluto como tal deste saber.

A partir da inserção da dialética como método, demonstra-se aí também “[...] em que medida a história da filosofia é o mais íntimo movimento da marcha do espírito, quer dizer, da subjetividade absoluta em direção a si mesma” (HEIDEGGER, pág. 208). Ou seja, tal marcha é caracterizada principalmente pela dialética que a partir de seu movimento de tese-antítese-síntese, possibilita lugar na história da filosofia para tais momentos.

É justamente nesses momentos elencados como tais que é possível a afirmação de uma consumação na história da filosofia, com Hegel. Heidegger aponta, porém, que falar em consumação não é destinar um fim decisivo na história da filosofia. Consumação aqui nada tem a ver com interrupções definitivas na história da filosofia, ao contrário, Heidegger destaca que é neste momento de consumação que abre-se novas possibilidades, sejam elas de inversão e contraposição. Falar no momento da consumação é também aqui destacar sua importância na marcha da história da filosofia, bem como o seu começo, na qual Heidegger destaca: “Hegel e os gregos” (HEIDEGGER, pág. 208).

Elencando os momentos anteriormente mencionados, Heidegger destaca o sistema metafísico de Hegel como o “mais alto, o da síntese” (HEIDEGGER, pág.208) Isto é, o que resulta de uma contradição, de um fruto entre tese e antítese. O momento da antítese localiza-se em Descartes, ao colocar “o sujeito enquanto sujeito” (HEIDEGGER, pág. 208).

É com Descartes que se acentua a relação sujeito-objeto, atribuindo aos objetos sentidos que até então, antes de Descartes, não eram tais notáveis quanto tal. Ao sujeito também foi atribuído notável mudança. O sujeito que Hegel amplia, de Descartes, é agora um sujeito pensante que vai além de si, em sua capacidade de se auto referir, de voltar-se para si mesmo, em modo absoluto.

O momento da tese aqui seria o primeiro momento, a primeira colocação na qual é representado pelos gregos. O momento em questão se configura, para Hegel, como o momento da “primeira manifestação” (HEIDEGGER, pág.208), do início em que se configura pela “abstração”, já que a filosofia não havia ainda aí dado o passo da subjetividade e mediação, que ocorreria posteriormente na modernidade. Ao passo que Heidegger cita, lendo Hegel: “O abstrato é a primeira manifestação que permaneceu puramente junto de si; é o mais universal de todo ente, o ser enquanto resplendor imediato e simples.” (HEIDEGGER, pág. 209)

Tal esplendor então referenciado é medido diretamente pelo aspecto de “belo” a qual Hegel atribui a tal manifestação grega. Constitui-se por belo por ser em sua manifestação, puro e livre de mediações, por ainda não se reconhecer o espírito como tal.

É este momento da tese, que Heidegger inicia, em grau ainda mais aprofundado, sua análise sobre o modo como Hegel interpreta a filosofia dos gregos. Para isso, Heidegger observa minuciosamente a interpretação de Hegel, das quatro palavras da filosofia grega. São elas: *Hén*, o universo; *Logos*, a razão; *Idéa*, o conceito; *Enérgeia*, a atualidade. Na qual se apresentam:

Hén é a palavra de Parmênides.
Logos é a palavra de Heráclito.
Idéa é a palavra de Platão.
Enérgeia é a palavra de Aristóteles.
(HEIDEGGER, pág. 209)

A partir de tal exposição, Heidegger inicia agora uma outra perspectiva de leitura de Hegel. A princípio, Heidegger opera uma abordagem sobre o como Hegel toma a filosofia dos gregos por fundamental, por ser ela a “primeira manifestação”. Cabe aqui agora, analisar o modo que Hegel se utiliza das palavras fundamentais gregas.

De um lado, o modo como Hegel às lê, os gregos em referência, de outro, o modo como Hegel se apropria também destas palavras, na medida em que abre parênteses e acrescenta sobre elas um novo sentido. Porém, tais interpretações giram ao redor de uma palavra em especial: “ser”. Para tal, Heidegger destaca:

Para isto há que atentar, de um lado, para compreender o sentido em que Hegel interpreta a filosofia dos quatro filósofos mencionados, porém, de outro lado, também para medir a importância que Hegel atribui a cada uma das palavras fundamentais. (HEIDEGGER, pág. 209.)

O que se apresenta agora, não se limita a uma simples abordagem de significações, mas sim o modo como Hegel interpreta cada significação. Ora, como se constitui aqui uma abordagem de tal importância ao mesmo passo em que deve se circunscrever ao redor do “ser”? É o que será apresentado a seguir.

Em primeira ordem, se encontra a palavra de Parmênides: *hén*. Tal palavra, tendo como significado O Universal, seria a que reúne em si a multiplicidade, ao mesmo tempo em que recolhe em si a unidade, o uno. O *hén*, esta palavra de Parmênides, está diretamente ligada aqui com a palavra universal “Ser”. Porém, Heidegger observa que tal importância fundamental, ou seja, a significação do ser como universal, traduzindo-se da palavra de Parmênides, não foi almejada por Hegel. Heidegger atenta:

Contudo, não situa Hegel o “pensamento principal” de Parmênides no *Hén*, no ser como universal. O “pensamento principal” está expresso, segundo Hegel, na proposição que enuncia: “ser e pensar são o mesmo”. Esta proposição Hegel a interpreta no sentido de que o ser “enquanto” o pensamento pensado, que “é”, é uma produção do pensar. (HEIDEGGER, pág. 209)

Heidegger já encontra aí uma desatenção a termos fundamentais. O *hén* de Parmênides é aqui expresso em outra coisa que em seu sentido universal, ou na aplicação de tal universalidade ao ser. Hegel não se demorou no sentido principal da palavra de Parmênides, que seria a aplicação do pensamento no *hén*, desviando a atenção assim para uma outra abordagem, a relação entre ser e pensar.

Tal deslocamento de atenção, no sentido que o ser como universal é aqui, em Hegel, substituído pela relação de ser e pensar, provoca já uma segunda relação que Hegel aponta. Tal relação, mais tem a ver com sequencia preparatória, pois, Heidegger observa que, a substituição de um pensamento principal por outro, diz respeito ao modo com que Hegel enxerga na palavra de Parmênides, em especial ao sentido que ele atribui a esta palavra, uma abertura aí para um pensamento posterior; o de Descartes.

Ora, ao estabelecer aqui uma relação entre ser e pensar, na medida em que Hegel interpreta, na palavra de Parmênides, que “[...] o ser “enquanto” o pensamento pensado, que “é”, é uma produção do pensar” (HEIDEGGER, pág. 209). Ora, já é perceptível aqui, a partir desta indicação de Hegel, nas palavras de Heidegger, que Hegel intenciona já uma aproximação desta palavra com o método cartesiano que viria fundar-se posteriormente. É em Parmênides, neste distanciamento de pensamento principal, que Hegel denota aí tal abertura

para um desenvolvimento que viria ocorrer com Descartes ao situar nesta relação de ser, pensar e produção do pensar, a figura do sujeito.

A segunda palavra fundamental é a de Heráclito: o *Lógos*. Nas palavras de Heidegger:

“A palavra fundamental de Heráclito é o *Lógos*: o recolhimento que torna presente e manifesto tudo o que é em sua totalidade enquanto ente. *Lógos* é o nome que Heráclito dá ao ser do ente.” (HEIDEGGER, pág. 210).

Na segunda palavra, a de Heráclito, já é posto aqui o ser do ente. Heidegger também observa aqui um deslocamento de sentido nesta segunda palavra; *logos*. Hegel não seguiu a direção do *logos* enquanto ser do ente. Ao invés disso, Hegel usa o *lógos* para designar uma subjetividade absoluta. O ser de Heráclito é aqui transformado em um ser que resulta em uma objetividade. É em Heráclito também que Hegel deposita o início de uma dialética, tendo por pressuposto o vir-a-ser de Heráclito, na qual atribui já aí uma forma especulativa a tal pensamento heraclitiano.

Hegel vê nesta segunda palavra, *logos*, um avanço, uma pequena marcha, em relação a palavra de Parmênides. Hegel vê o vir-a-ser como um passo a diante do ser, estático e uno de Parmênides. Ao introduzir um outro sentido, através da dialética, na palavra de Heráclito, Hegel traduz aí uma contradição fundamental e precisa, pois vê no *logos* a possibilidade de um sistema na qual abarca sua filosofia; a dialética.

Na palavra de Platão “*Idéia*” Hegel atribui aqui o sentido de ideia “o universal em si determinado”. Tal determinação não se refere aqui aos objetos meramente dados, em sua experiência sensível, mas sim, no resultado que o conhecimento e não mais a consciência foi capaz de produzir. Na palavra *idéa*, Hegel vê o horizonte de uma superação, no sentido em que não é a consciência que media as ideias, mas que elas seriam mediadas através do conhecimento, na qual recolhe em si mesmo o resultado da produção que foi mediada pela consciência. É tal produção que Hegel abstrai, através de sua interpretação, que ele vê em Platão o início de uma filosofia com aspecto científico, como destaca Heidegger:

“Por isso, diz Hegel: “Com Platão começa a ciência filosófica enquanto ciência” [...] O elemento próprio da filosofia platônica é a orientação para o mundo intelectual, supra sensível...” (HEIDEGGER, Pág. 210)

É através desta dicotomia aí pensada, quando Hegel afirma e coloca, em tal interpretação da palavra de Platão, um outro horizonte, a da produção do conhecimento, que, segundo Hegel, através da palavra *idéa*, já é posta num processo na qual as coisas não se perpetuam como meras imagens, na consciência, mas atingem outro âmbito, o supra sensível.

Em seguida, é apresentada a palavra de Aristóteles: *energía*. Tal palavra é traduzida por Hegel por “realidade efetiva”. É na palavra de Aristóteles que Hegel pôde verificar sobre uma possibilidade de um campo onde o real se faria, se tornaria efetivo. Segundo Heidegger, Hegel interpreta *Energía* de tal modo:

Hegel descobre na *Energía* de Aristóteles a instância prévia do automovimento absoluto do espírito, isto é, da realidade efetiva em-si e para-si. O juízo que Hegel faz da totalidade da filosofia aristotélica é testemunhado por esta proposição: “ Se a filosofia fosse um dia encarada com seriedade, nada seria mais digno que dar aulas sobre Aristóteles (op. Cit., pág 314)” (HEIDEGGER, pág. 211)

Hegel significa tal palavra, energia, no sentido de tal efetividade que garante a si própria sua realização. A energia se apresenta nas palavras de Hegel como a força segura e alcançável, na qual a realidade atualiza o que está aí em potencia. É através de tal realização de uma efetividade em-si e para-si, que Hegel vê tal palavra no sentido de uma autorealização, na medida em que é em seu próprio ciclo que ela se efetiva como realidade. É através de tal efetividade que Hegel considerou-a com seriedade, pois seria tal chão sólido que sustentaria o pensamento que se faz efetivo, a atividade do sujeito absoluto.

É em tal momento, da atividade do sujeito absoluto, que Hegel pode imaginar uma nova possibilidade para um pensamento que não se guia mais nas reflexões subjetivas sobre os objetos, mas o encara como estes se apresentam, sem subjetividades, em sua efetividade.

Diante de tal apresentação, Heidegger observa que Hegel apresenta/significa as quatro palavras gregas, até aqui apresentadas, através do viés do ser que o idealiza como o universal abstrato. Tal viés interpela o sentido da abstração que ainda não se determinou, pois neste momento de germino, a filosofia se encontra no “*ainda não*”, por isso o ser não está ainda determinado, incluído na dialética. Ela, a filosofia dos gregos, é, no entanto, segundo Heidegger, concebida através do ponto de vista de tal consumação, que Hegel definira como o sistema do idealismo especulativo. A filosofia dos gregos se encontra no “*ainda não*”, por estar, em tal cerne, apenas como ponto de partida, como a tese.

Apesar de ser com a filosofia dos gregos que o pensamento inicia sua marcha, enquanto espírito, ela, a filosofia, continua, porém, em um início que, segundo Hegel, apesar de aí já apresentar tal oposição do espírito com o ser, este mesmo espírito também continua no “*ainda não*”, pois ainda não se descobriu como espírito absoluto, pois ainda não se enxergou, não lhe foi possível aí ainda, reconhecer sua evidência. Sendo assim, em tal momento da

filosofia o espírito da metafísica especulativo-absoluta, não atingiu, segundo Hegel, sua plenitude absoluta.

Heidegger coloca então, logo em seguida, a questão que se faz aqui de extrema importância. Hegel, ao determinar lugares na história da filosofia, determinou também uma meta para esta. Em Hegel, a meta da filosofia seria a verdade. Verdade esta que só seria possível em tal momento de plenitude. Sendo assim, o filósofo afirma então não ser o momento dos gregos a instância da verdade, já que em tal momento o espírito ainda se encontra no “ainda não”. O momento dos gregos seria então, apenas a instância da beleza.

Mediante tal fato, Heidegger pôde então problematizar:

Se atravessarmos com um olhar a totalidade da história da filosofia, Hegel e os Gregos, consumação e começo dessa história, tornamo-nos pensativos e perguntamos: não se alteia sobre o começo do caminho da filosofia em Parmênides a *alétheia*, a verdade? Por que não a deixa Hegel tomar a palavra? Compreende ele com a palavra “verdade” outra coisa que desvelamento? Sem dúvida. Verdade é para Hegel a evidência absoluta do sujeito que se sabe a si mesmo (HEIDEGGER, Pág. 211)

Observa-se aí um significado outro, uma perspectiva que Hegel adota para significar *alétheia*. O filósofo não a interpreta sob o olhar grego, do desvelamento. Em Hegel, a *alétheia* nos gregos, seria uma parte deste “ainda não”, que continua em uma primeira instância, da beleza. Pelo fato de Hegel não identificar, o momento dos gregos, o momento da instância da verdade, é que ele continua no mesmo horizonte em que não vê em tal filosofia a tez da verdade, pois, como se verificou através da citação acima, a verdade em Hegel não reside nos gregos, por ser ela a “*evidência absoluta do sujeito que se sabe a si mesmo*”.

Tal interpretação feita por Hegel é ainda incompleta, segundo Heidegger, pois a interpretação de *alétheia*, segundo os gregos, de onde provém tal palavra fundamental, não pode ser equiparada ao sentido de certeza, pois esta equiparação a reduz, em seu sentido originário. Por este motivo, a *Alétheia* não pode ser posta em lugar paralelo a significações do gênero.

Alétheia, em seu sentido originário, não pode aqui ser pensada como uma simples solução para os enigmas que ainda são do pensamento, antes disso, *alétheia* é ela mesma o enigma, enquanto questão do pensamento; aponta Heidegger. Tal questão do pensamento não é uma criação atual, mas antes, é fruto da herança da história da filosofia. História tal que deve-se ater cuidado para não torna-la apenas “meditação”, na medida em que se olha para a história e a relaciona com uma essência. Heidegger atenta que “[...] quanto mais um pensamento se dedica á meditação, isto é, quanto mais recebe o apelo de sua linguagem, tanto

mais decisivo será para ele o impensado e até mesmo para ele impensável” (HEIDEGGER,212)

Heidegger observa que Hegel ao interpreta o ser e as palavras fundamentais gregas para o ser: *Hén, Logos, Idéa, Enérgeia*, ele as interpreta a partir da subjetividade absoluta especulativo-dialéticamente como o indeterminado imediato. É através de tais interpretações que Heidegger pode notar aí uma interpretação historicamente incorreta. Tal interpretação equivocada se deve ao fato de Hegel ter versado a essência da história através da essência do ser na linha da subjetividade absoluta. Ao passo que Hegel inaugura tal experimentação na história, ele é acarretado pelo não descobrimento da *Alethéia* e conseqüentemente falha com questão do pensamento. Nas palavras de Heidegger, tal interpretação de Hegel é imprecisa:

Pois Hegel experimenta o ser quando o concebe como o indeterminado imediato, como posto pelo sujeito que determina e compreende. Conseqüentemente não é ele capaz de libertar o ser no sentido grego, o *einai*, da referência ao sujeito para então entrega-lo á liberdade de seu próprio acontecer fenomenológico. Este, porém é o pré-sentar, quer dizer, o surgir contínuo desde o velamento para o desvelamento. (HEIDEGGER, Pág. 212)

Hegel “peca” em sua interpretação ao não situar o ser no seu horizonte propício, que seria o “acontecer fenomenológico”, e ao invés disso o enclausura na interpretação do indeterminado imediato, suprimindo assim qualquer manifestação deste ser.

Heidegger denota tal momento como “pré-sentar”, ou seja, o passo propício para o desvelamento. É no pré-sentar que Heidegger reafirma os sentidos originários das palavras interpretadas por Hegel. O filósofo indica:

No pré-sentar se manifesta a desocultação. Ela acontece no *Hén* e no *Lógos*, isto é, no jazer-aí unificando e recolhendo – quer dizer, no deixar-se demorar-se como presença. A *Alethéia* acontece na *Idéa* e na *koinonía* das ideias, na medida em que estas se manifestam umas ás outras, constituindo, desta maneira, o ente-ser, o *óntos ón*. A *Alethéia* acontece na *Enérgeia*, que nada tem a ver com *actus* e nada com atividade, mas somente com o *érgon* experimentado em seu sentido grego e seu caráter de ser-pro-duzido para dentro do pre-sentar. (HEIDEGGER, 212)

Heidegger apresenta aqui sentidos que Hegel não se demorou. *Hén* e *Lógos* são aqui interpretados pelo fluxo na qual a desocultação se permeia e se deleita como presença. Não é, no entanto, no sentido que Hegel atribuiu a tais palavras, induzindo-as no sentido da subjetividade absoluta. *Alethéia, Idéa e Energéia* são, antes de tudo, encontro de manifestações e experimentações, nas quais se possibilita o acontecer fenomenológico, não são, porém, os sentidos atribuídos a estas palavras por Hegel, na qual delimita o horizonte destas no seio do universal determinado e na pura atividade do sujeito absoluto e enquanto automovimento absoluto do espírito.

A desocultação para Heidegger não resume, porém, nestas palavras gregas até então apresentadas. Bem mais que isso, a *alethéa* enquanto desocultação se revela na totalidade da língua grega, onde livre de todos os pré-conceitos, se revela em sua forma pura de devir.

Uma confusão de termos fundamentais já advém de Aristóteles, situa Heidegger, pois este põe em uma mesma significação *tá ontá*, o ente, o que está aí presente, o que se apresenta, do mesmo modo em que apresenta *tá alethéia*, sem considerar o sentido fenomenológico de desvelamento que esta última dispõe. Sendo assim, no jogo entre desvelamento e *alethéa*, “[...] a verdade tem algo a ver com a alétheia, mas nada esta com a verdade.” (HEIDEGGER, 213) A alétheia enquanto desvelamento não pode se resumir no mesmo sentido da verdade enquanto certeza, esta última não dispõe do caráter desvelador e revelador da qual a alétheia se anuncia.

Desvelamento é aqui também exposto ao lado do dizer. Pois “[...] qualquer dizer já precisa do âmbito do desvelamento.” (HEIDEGGER, Pág. 213), na medida em que o dizer é o ato na qual o homem realiza e na medida em que este o realiza já o deixa aí á mostra, ás claras, no sentido que a linguagem é possibilitadora de tal desvelamento. Assim, “[...] toda a essência da linguagem repousa na des-ocultação, no imperar da *Alétheia*”. (HEIDEGGER, Pág. 213). A linguagem viabiliza a desocultação, na medida em que se faz possível através do dizer, mediante a força reveladora que este apresenta.

Heidegger visa focar a questão do pensamento através das questões até então apresentadas na presente conferência. Ao percorrer o modo com a qual Hegel interpreta o ser, através da filosofia dos gregos, em suas palavras fundamentais, não pretende Heidegger realizar uma volta didática e desinteressada sobre tal tema, nem mesmo intenciona fazer um aparato meramente histórico, como já dito, Heidegger intenciona tal volta a partir de encontrar aí o impensado e a partir dele pôr sua questão.

A atenção prestada a tal filosofia, a de Hegel enquanto signo do acabamento, e a dos gregos enquanto começo originário e conteúdo de interpretação hegeliana, possibilita a Heidegger afirmar:

A reflexão sobre a interpretação grega sobre o ser procurou mostrar que o “ser”, com o qual a filosofia começa, somente acontece como presença, na medida em que já impera a *Alétheia*, que a *Alétheia* mesma, contudo, permanece impensada no que diz respeito a sua origem essencial. (HEIDEGGER, Pág. 214)

E é mediante tal afirmação, no que diz respeito ao esquecimento e ao impensado da *Alétheia* que a filosofia ainda de mantém no “ainda não”, pois o que antecipa a história da filosofia – a *Alétheia* – se mantém ainda impensada, e sendo por vezes confundida com

verdade e a relação com a certeza a ela atribuída. Deste modo, o ser também permanece escondido, pois ele é dependente do fenômeno originário da *Alétheia*, e esta ainda não foi descoberta em seu sentido fundamental.

Porém, Heidegger coloca e re-coloca na presente conferência a importância de se voltar para tal impensado, pois é este impensado que se configura aí como a questão do pensamento. É através deste impensado que Heidegger reafirma lacunas existentes na tradição da filosofia, no entanto, tais lacunas não são apresentadas como o negativo, ao passo que é através de tal impensado que é possível coloca-lo aí. Pensar novamente a *Alétheia* é pensa-la livre das atribuições e referências a ela impostas, pensa-la longe do sentido da certeza, a qual reduz toda força fenomenológica de tal palavra.

O “ainda não” da qual se mantém a filosofia dos gregos para Hegel, traduz-se pelo horizonte do idealismo especulativo, da qual não é consumado nos gregos, mas sim na filosofia hegeliana. A linha da qual Hegel se guia, em sua interpretação, não foi a do ser, em seus sentidos originários, mas sim, na linha da subjetividade absoluta especulativo-dialética na qual também sobrepõe o indeterminado imediato.

Heidegger atenta para o fato de o “ainda não” da filosofia não se reduzir a um ainda não insatisfatório e acomodado, na qual seria ato de um hábito já consumado, ao contrário disto, o “ainda não” da qual a filosofia grega se mostra ao pensamento é a força geradora de novos horizontes a serem conquistados, é o ímpeto da qual abre caminhos para esta nova busca deste impensado.

3 CONCLUSÃO

Para Heidegger é com os gregos que a filosofia se inicia, ganha sentido originário, dispõe de nome, autores e fundamentação. Heidegger também observa tal reconhecimento deste início originário em Hegel, através deste olhar para com os antigos. Porém, coube a Heidegger pensar o impensado em Hegel, o que ele deixou ainda vago, nas entrelinhas de sua interpretação dos gregos, ou melhor, de suas palavras. Heidegger observa que Hegel apresenta/significa as quatro palavras gregas apresentadas, através do viés do ser que este idealiza como o universal abstrato. Tal viés interpela o sentido da abstração que ainda não se determinou, pois neste momento de germino, a filosofia se encontra no “*ainda não*”, por isso o ser não está ainda determinado, incluído na dialética.

Consequentemente o ser também permanece escondido, pois ele é dependente do fenômeno originário da *Alétheia*, e esta ainda não foi descoberta em seu sentido fundamental. O não reconhecimento da *Alétheia*, despreendida de seus pré-conceitos, propiciou uma nova ótica a questão que precisa ser posta; a do pensamento. Deste modo, o ser também permanece escondido, pois ele é dependente do fenômeno originário da *Alétheia*, e esta ainda não foi descoberta em seu sentido fundamental. A alerta de Heidegger para este impensado é ao mesmo tempo o enigma e a própria solução, na medida em que a questão aqui posta referenciada, juntamente com a *Alétheia*, abrem saídas fundamentais na história da filosofia.

É através também de tal olhar atento para a história da filosofia, que o filósofo se volta para a interpretação de Hegel da filosofia grega, e aí encontra suas faltas e suas saídas possíveis. Tal saída se refere aqui á questão do pensamento, questão essa de extrema importância para Heidegger. A questão do pensamento mostra-se aqui como possibilitadora de direção e de acessibilidade. Pensar a questão do pensamento é já pensar em uma possibilidade de discussão e conseqüente transformação. Pensar tal questão requer permissão, abertura, para que o pensamento atinja sua transformação.

ABSTRACT

This article seeks to present a reading of Heidegger's interpretation from the way that Hegel interprets Greek philosophy, as well as his observations about what the latter philosopher lacked to interpret. The present approach is guided from the conference of July 26, 1958, entitled "Hegel and the Greeks". For Heidegger, it is with the Greeks that philosophy begins, gains an originating sense. The Philosopher notices the recognition of this beginning also in Hegel, through the latter's gaze to the ancients. However, it was for Heidegger to think what Hegel did not think about, what he left still vague, between the lines of his interpretation of Greek philosophy. It is from the return to tradition that Heidegger sees the philosophy consummated in Hegel, because it was inserted at a certain epoch, which already shows a decomposition of its original senses. Tradition would, therefore, serve as an aid in the expected matter; that of thought. Heidegger is attentive to the question of thought through the analysis of what was forgotten in Hegel, regarding the Greek philosophy. And it is by such affirmation, in regard to the forgotten and the unthought of *Alétheia*, that philosophy still stands in the "not yet", because what anticipates the history of philosophy – *the Alétheia* – remains still unthought, and being sometimes confused with truth as certainty. Heidegger points in this conference the importance of the returning to the unthought, because it is this unthought that is configured there as the fundamental question; that of thought.

Key words: *Alétheia*. Thought. Unveiling. Heidegger.

REFERÊNCIAS

BLANC, Mafalda Faria. *O Fundamento em Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1984.

HEGEL. G. W. F. *A Idéia e o Ideal*. (trad.) Orlando Vitorino. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores).

HEIDEGGER, Martin. *Hegel e os gregos*. In Conferências e escritos filosóficos. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. (trad.) Márcia de Sá Cavalcante. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 2000.

HEIDEGGER, Martin. *O fim da filosofia e a tarefa do pensamento*. In Conferências e escritos filosóficos. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1989(1), p. 71-81.

IBER, Christian. *Historicidade da filosofia em Hegel e Heidegger*. Revista Opinião Filosófica, Porto Alegre, v. 04 ; nº. 02, 2013.

LEBRUN, Gerard. *A Paciência do Conceito: Ensaio Sobre o Discurso Hegeliano*. Tradução Silvio Rosa Filho. São Paulo: Unesp, 2000.

MACHADO, Geraldo Pinheiro. *A noção de Ser em Maritain e Heidegger, comparadas no plano de um primeiro momento da Ontologia*. São Paulo: Cupolo, 1955.

MATTOS, Carlos Lopes de. *Heidegger e o problema da filosofia*. Limeira: letras da Província, 1954.

NIETZSCHE, F. *A filosofia na época trágica dos gregos*. Trad. Maria Inês Madeira de Andrade. Lisboa, Edições 70, 1987.

PIEPER, Frederico. *O ser como o absoluto: Heidegger e a Fenomenologia do espírito*. Estudos de Religião, v. 23, n. 36, 179-200, jan./jun. 2009.